

Meditações: 23º domingo do Tempo Comum (Ano A)

Reflexão para meditar no 23º domingo do Tempo Comum (Ano A). Os temas propostos são: Uma família em que todos lutam unidos; Olhar o irmão como Deus; Quando Jesus corrigiu a Pedro.

- Uma família em que todos lutam unidos
 - Olhar o irmão como Deus
 - Quando Jesus corrigiu a Pedro
-

QUANDO o Senhor chegou à Galileia junto com os seus discípulos, pronunciou um discurso descrevendo algumas características da vida na Igreja. Uma destas características é a fraternidade: os cristãos velam pelos seus irmãos como Cristo fez, para levar todos ao Pai. Jesus sabia que muitas vezes resistimos a isso e, nessa convivência uns com os outros, podemos ferir alguém que está perto de nós. O Senhor propõe, então, uma solução audaz. Em vez de retirar a confiança nessa pessoa ou de resolver o caso afastando-se, pede a seus discípulos: “Se o teu irmão pecar contra ti, vai corrigi-lo, mas em particular, a sós contigo! Se ele te ouvir, tu ganhaste o teu irmão” (Mt 18, 15).

Este costume evangélico consiste em que outra pessoa, depois de ter considerado o assunto na oração com Deus, oferece-nos uma sugestão para melhorar algum aspecto concreto de

nossa vida. Este auxílio nos dá a segurança de saber que somos parte de uma família, e que todos estão envolvidos na nossa luta. Manifesta que somos importantes para alguém e que precisamos ser cuidados. É consequência de ter alguém ao lado que não só nos aconselha nas encruzilhadas de caminhos importantes, mas também nos comprehende e nos anima no que pode custar no dia a dia, embora quase sempre sejam as mesmas realidades. Assim, em caso de necessidade, esse irmão ou irmã pode vir em nossa ajuda. A correção fraterna é, por isso, o contrário da crítica, da murmuração ou da difamação. Enquanto nestas últimas, há julgamento e condenação, na ajuda fraterna há um abraço que acolhe e impulsiona rumo ao futuro. O Senhor conta com os outros para nos ajudar a ser, com a sua graça, a melhor versão de nós mesmos, com a nossa história e as nossas

características peculiares. “Deus muitas vezes se serve de uma amizade autêntica para realizar a sua obra salvadora”^[1].

NA HISTÓRIA da salvação vemos que Deus atua sempre em um povo, em uma comunidade, em uma família, em um grupo de amigos. Pensar que a santidade prescinde do que os outros podem fazer por nós poderia ser um sintoma de isolamento. É natural, por isso, que, em um ambiente de amizade, surja a correção fraterna. A compreensão é talvez um dos primeiros passos para poder ajudar. Evita que o nosso olhar se detenha em detalhes de pouca importância, e leva a sintonizar com esse profundo desejo de santidade que vivifica a atuação de qualquer cristão e que pouco a pouco

impregna as diversas manifestações da vida diária.

São Josemaria dizia que “Mais do que em "dar", a caridade está em 'compreender'"^[2]. Leva-nos a ver, em primeiro lugar, as virtudes e as qualidades dos outros. Ao ajudar um irmão, procuramos olhar para ele como Deus olha e tentamos cuidar dele como algo precioso, valorizando o que tem de bom e as suas possibilidades de amadurecer no amor. Por isso o que impulsiona a prática da correção fraterna não é tanto a pretensão de conservar uma ordem exterior, e sim o desejo de que a pessoa ao meu lado seja cada vez mais feliz. Essa convicção de estar procurando a sua felicidade implica, portanto, o máximo respeito à sua liberdade, porque só assim a fraternidade é delicada e verdadeira.

“Coloca-te sempre nas circunstâncias do próximo: assim verás os

problemas ou as questões serenamente, não te aborrecerás, compreenderás, desculparás, corrigirás quando e como for necessário, e encherás o mundo de caridade”^[3]. A compreensão não consiste em ignorar o mal que o outro nos fez ou o muito que, a nosso ver, ele pode melhorar; em vez disso, permite-nos perceber que todos precisamos de carinho e, em especial, do perdão, “como Deus fez e faz com cada um de nós”^[4]. Diz que os defeitos podem não ter a última palavra no relacionamento com o outro. Como ensina o prelado do Opus Dei podemos estar certos “de que o positivo é muito superior ao negativo. Em qualquer caso, o negativo não é motivo de separação, mas de oração e ajuda; se possível, de mais carinho; e, se necessário, de correção fraterna”^[5].

O PRÓPRIO Jesus praticou a correção fraterna várias vezes. Talvez a mais marcante seja a que fez a Pedro quando, depois de ter ele predito sua morte e ressurreição, o apóstolo o repreendeu dizendo: “Deus não permita tal coisa, Senhor! Que isto nunca te aconteça”. Cristo corrigiu imediatamente a ideia de Pedro: “Vai para longe, satanás! Tu és para mim uma pedra de tropeço, porque não pensas as coisas de Deus, mas sim as coisas dos homens” (Mt 16, 22-23). É surpreendente ver que Jesus chama de “Satanás” aquele a quem pouco antes tinha confiado as chaves do Reino dos Céus. Poderíamos inclusive dizer que é ainda mais surpreendente o fato de não ouvirmos nenhuma reação negativa de Pedro. Quem não teria desanimado ao ouvir uma tal repreensão dos lábios de Cristo?

É provável que Pedro não estivesse entendendo plenamente o que estava

acontecendo. No entanto, ele tinha certeza de uma coisa: que Jesus o amava de todo coração. Não era somente o Messias esperado, e sim um amigo que se preocupava com ele, manifestava continuamente seu afeto e gradualmente ia revelando os profundos mistérios dos seus planos de salvação. A correção visava, em primeiro lugar, modificar uma ideia de fundo importante. Por isso, aquela repreensão, embora dura, não o abateu, pois estava seguro de que Jesus só queria o seu bem e que compartilhava com ele a sua sabedoria divina. Ao mesmo tempo, Cristo sabia muito bem a quem estava dizendo isso. Suas palavras permitem intuir que a confiança em Pedro era grande e que sabia que ele podia tirar proveito de uma repreensão sem se sentir ferido.

“Não se pode corrigir uma pessoa sem amor e sem caridade”^[6]. A correção fraterna necessita de um

contexto, como o que havia entre Jesus e Pedro, no qual se tenha percebido a proximidade, o interesse sincero e a preocupação real pela vida do outro. E requer, além disso, que se conheça bem esse irmão ou irmã. Assim, mais do que um *ponto de partida* de uma relação de amizade, constitui uma etapa no caminho da fraternidade, que nos permite compartilhar muitos quilômetros juntos. Peçamos à Virgem Maria que nos ajude a velar por nossos irmãos e acolhê-los com seu mesmo olhar de compreensão.

^[1] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 1/11/2019, n. 5.

^[2] São Josemaria, *Caminho*, n 463

^[3] São Josemaria, *Forja*, n. 958.

^[4] Bento XVI, Mensagem para a Quaresma de 2012, n. 1.

^[5] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 16/02/2023, n. 4.

^[6] Francisco, Homilia, 12/09/2014.

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/meditation/meditacoes-23o-domingo-do-tempo-comum-ano-a/> (14/01/2026)